

# Projeto Presença Karajá: um balanço em construção

## Karajá Presence Project: a balance under construction



**Manuelina Maria Duarte Cândido**

Universidade de Liège, Liege, Bélgica e Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

manuelin@uol.com.br



**Andréa Dias Vial**

Filiação institucional pesquisadora independente

advial@outlook.com.br



**Nei Clara de Lima**

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

neiclara@gmail.com

1

Este dossiê temático da revista Hawò apresenta alguns resultados alcançados até o momento no âmbito do Projeto *Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais (PPK)*, incluindo também textos de autoras que não integram a equipe do projeto, mas que de uma maneira ou de outra se aproximam de nossas temáticas de pesquisa.

O referido projeto iniciado em 2017 encontra-se em sua segunda etapa (2021-2024). Neste intervalo, conseguiu mapear as coleções de *ritxoko*, conhecidas como 'bonecas Karajá', em setenta e sete museus brasileiros e estrangeiros, ao mesmo tempo em que buscou reconstituir a trajetória de formação dessas coleções, as redes de relações constituídas entre pesquisadores, instituições e os grupos indígenas Karajá, seus produtores, além de realizar estudos deste artefato – originalmente um brinquedo de crianças –, tendo o foco nos adornos corporais e indumentárias usados para 'vestir' essas bonecas.

Simultaneamente à realização deste mapeamento amplo, com a identificação e checagem de informações que nos chegaram de diversas maneiras, inclusive pelas redes sociais criadas pelo projeto, sobre a presença de *ritxoko* nas coleções de muito mais museus que imaginávamos inicialmente, integrantes de nossa equipe, também espalhada geograficamente, estabeleceram contatos com algumas dessas coleções para a realização de análises. A presença das *ritxoko* em instituições distribuídas até o momento em 16 países faz desta pesquisa um projeto transnacional. Os estudos têm acontecido conforme a disponibilidade das pessoas que se interessam em participar do PPK de forma voluntária.

Algumas pesquisadoras (a equipe é formada majoritariamente por mulheres) fizeram de segmentos do projeto seu objeto de estudo em algum trabalho acadêmico ou parte dele, como é o caso do Trabalho de Conclusão do Curso de Museologia defendido em 2019 por Thais Maia Souza “A indumentária das *ritxoko*: uma representação da identidade karajá no acervo do Centro Cultural Jesco Puttkamer”. Também nos orgulha poder mencionar o doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG de Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça, orientado pela profa. Dra. Rita Morais de Andrade, ambas integrantes do PPK. Embora este projeto não seja o objeto central da tese, intitulada “Os modos de vestir das Mulheres *Iny* Karajá na contemporaneidade: origem, tradição e invenção”, existem muitas camadas de permeabilidade e colaboração. Foi estimulado, mas não colocado como pré-requisito para participar do PPK que as pessoas o tomassem como objeto para suas pesquisas acadêmicas ou trabalhos conexos. Desta forma, por exemplo, Bárbara Freire Ribeiro Rocha obteve apoio por meio da Lei Aldir Blanc para uma das etapas de criação do *website* do projeto na Plataforma Tainacan e com isto pôde também convidar parceiras do projeto

entre as mulheres *Iny* Karajá, Tuinaki Koixaru Karajá, Waxiaki Karajá e Dibexia Karajá para ações como a *live* de lançamento do mencionado *website*, ainda em fase experimental.

A ausência de financiamento global para o projeto impacta a estabilidade da equipe, malgrado o entusiasmo das pessoas que por ele passaram, bem como o ritmo com que cada uma se dedica ao PPK, que varia enormemente de um integrante a outro ao longo do tempo. Respeitando estas cadências e dinâmicas, as formas de participação e tempo de dedicação ao projeto são extremamente flexíveis. Consciente do desafio que é realizar esta pesquisa sem uma remuneração, a coordenação do projeto adéqua-o às disponibilidades da equipe e não o contrário. Outro repto que complexifica o trabalho é o fato de estarmos lidando com tantas instituições diferentes, com suas práticas de documentação e de acesso aos acervos, seus calendários e adversidades próprios, que já incluíram neste período de 6 anos mudanças de sede e de direção, fechamento e abertura de exposições e do acesso às reservas, além do fatídico incêndio do Museu Nacional que destruiu quase completamente uma das coleções que potencialmente seria uma das próximas a ser estudada, pois Rafael Santana Gonçalves de Andrade, integrante do PPK desde o início e Vice-Coordenador da 2ª etapa, realiza ali o seu doutorado em Antropologia Social.

Pela ancoragem institucional do projeto inicialmente na Universidade Federal de Goiás, privilegiamos logo os museus de Goiânia, e tiveram ou estão tendo suas coleções estudadas as seguintes instituições: Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA-UFG), Centro Cultural Jesco Puttkamer (CCJP) e Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga (MUZA). A residência ou passagem de integrantes da equipe por São Paulo também permitiu que a coleção do Museu das Culturas Brasileiras fosse fotografada por Andrea Dias Vial com apoio da então

estudante de Museologia da UFG Amanda Carlotti dos Santos. Andréa checou e completou a documentação deste acervo. Nos museus de Goiânia as coleções numericamente muito expressivas exigiram, e a residência de várias(os) integrantes do PPK permitiu, que mutirões de documentação e fotografia fossem realizados, liderados pela Coordenadora e pela Vice-Coordenadora do projeto, respectivamente Manuelina Maria Duarte Cândido e Nei Clara de Lima (2017-2020). Ainda assim a coleção do MA-UFG foi apenas parcialmente registrada por fotógrafo profissional, Markus Garscha, e documentada. No CCJP e MUZA foram realizadas fotografias semi-profissionais por Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça, que também identificou e fotografou duas *ritxoko* no acervo do Museu da Imagem e do Som de Goiás.

Para nossa felicidade, depois de um processo que tem sempre se mostrado mais longo e complexo do que se pode imaginar, conseguimos ter assinados documentos de cessão de uso de imagens dos quatro acervos brasileiros estudados ou em estudo pelo PPK, a saber: Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA-UFG), Centro Cultural Jesco Puttkamer (CCJP), Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga (MUZA) e Museu das Culturas Brasileiras (MCB-SP). O projeto ainda não consegue ter termos de cessão padronizados, como seria ideal devido à complexidade de lidar com autorizações que possuem características peculiares quanto à resolução das imagens para divulgação ou até a quem pode assinar, para citar apenas alguns exemplos. Estas negociações envolvem muita energia de ambos os lados e custam um tempo precioso a outras etapas da pesquisa, mas são essenciais para que se tenha material para a ampla divulgação de resultados da mesma em meios acadêmicos e, especialmente, nos meios não acadêmicos, pelos quais podemos fazer a necessária devolução à sociedade brasileira, notadamente ao povo *Iny Karajá*, do que

temos produzido em torno destes bens culturais musealizados.

Outras instituições já possuem a documentação de seus acervos *online*, variando quanto ao fato de estarem ou não completas – em termos de relação numérica entre objetos musealizados e inventariados, posto que a documentação do acervo nunca está isenta de ter novos dados acrescentados –, à extensão da lista de metadados ou das informações preenchidas em cada um deles, ao fato de possuírem ou não fotografias das peças em questão em plataformas digitais de amplo acesso e destas serem somente de frente, frente e costas ou ainda em alta ou baixa resolução. O projeto tem por metodologia reunir a massa documental localizada em linha ou ainda a que recebe de instituições contactadas, mesmo que inicialmente apenas para uso interno da equipe, sem ainda as autorizações que permitiriam ampla divulgação. A título de exemplo, recebemos nestas condições a documentação completa, inclusive com fotografias, do acervo de *ritxoko* de dois museus franceses, o Muséum de Toulouse, e o Museu do Quai Branly, em Paris.

Para uniformizar os dados obtidos estamos paulatinamente preenchendo um Instrumento Comum para a Coleta dos Dados da Pesquisa (IC) elaborado pelo projeto, que busca uniformizar os dados prioritários para o PPK na documentação imensamente variada dos acervos em tela, de forma a permitir algum grau de comparação. Este instrumento se mostrou também necessário quando começamos o diálogo com o projeto Tainacan para utilização de sua plataforma para o desenvolvimento de nosso *website* e disponibilização do material que temos reunido. O trabalho é colossal e traz mais um desafio para um projeto sem financiamento: a necessidade de um servidor para armazenar os dados, visto que a massa documental já se avoluma muito e a plataforma Tainacan apenas difunde o que deve estar armazenado

em outro local. A estimativa é que o projeto atinja de 500Gb a 1T de dados à medida em que avança para outros museus já identificados, mas ainda não estudados.

Cabe dizer que as *ritxoko* são reconhecidas como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde 2012. O reconhecimento se deu após estudo e elaboração de um dossiê por equipe coordenada por antropólogos do Museu Antropológico da UFG que asseguraram sua inscrição em dois Livros de Registro do Patrimônio Imaterial Brasileiro: Livro dos Saberes – Registro dos Saberes e práticas associados aos modos de fazer bonecas Karajá; Livro das Formas de Expressão – *Ritxoko* – expressão artística e cosmológica do povo Karajá (LIMA *et alli*, 2011).

Com uma etapa posterior de salvaguarda já realizada (2015-2017) por parte da equipe responsável pelo Registro, contemplando “um programa de apoio e valorização de manifestações culturais dos Karajá, especialmente das práticas culturais tradicionais, valorização da língua *Inyribè*, recuperação e valorização de técnicas e saberes em risco de desaparecimento, dadas as novas modalidades de saberes incorporadas aos arranjos culturais atuais, sobretudo pelas gerações mais jovens” (LIMA, LEITÃO, 2018, p. 07), podemos considerar que ele está relativamente bem divulgado junto ao povo *Iny* Karajá. Existe ainda circulação de informação a seu respeito por meio de vídeos, publicações (por exemplo, LIMA, LEITÃO, 2019), vídeos e outros suportes como *banners* e *folders*, com algum apoio institucional do IPHAN, infelizmente cada vez mais enfraquecido como em geral as políticas públicas para a cultura no atual Governo Federal.

Mas e os acervos musealizados? As reciprocidades entre a patrimonialização recente e a musealização muito mais antiga das *ritxoko* também é foco de interesse do PPK; e tema de um artigo

em vias de publicação (DUARTE CÂNDIDO, no prelo). Sabemos de coleções que foram constituídas desde a segunda metade do século XIX. O incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro em 2018 destruiu uma das coleções de origem mais recuada em território brasileiro. Na Europa, uma das coleções mais antigas, reunida por Fritz Krause em missão realizada em 1888, permanece encaixotada no Ethnologisches Museum – Berlim, sem nunca ter sido exposta. Além disto, a distância física entre grande parte dos museus e os locais de habitação do povo *Iny* Karajá, no centro-norte do Brasil (estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará, notadamente na Ilha do Bananal onde se concentra a maior parte da produção), não facilitaria o acesso dos povos de origem às coleções.

O acesso digital ao patrimônio musealizado, que neste projeto, após uma reflexão, decidimos não chamar de restituição, é uma primeira camada do acesso que é direito de todos e de todas. Mas as barreiras são múltiplas: os grandes museus, muitas vezes, como é o caso para as *ritxoko*, são localizados muito distante das comunidades de origem, às vezes literalmente do outro lado do mundo; eles expõem em média 1% do seu acervo em reserva; outras instituições, de longe ou de perto, possuem acervos não identificados, que pouco comunicariam em uma exposição. Isto sem contar os acervos que se perdem em eventos críticos no interior dos museus (bombardeios da 2ª Guerra Mundial no Ethnologisches Museum – Berlim e incêndio do Museu Nacional, para citar apenas dois que atingiram diretamente coleções de *ritxoko*) ou cuja biografia é marcada pelas transferências de um local a outro, fechamento de exposições ou da própria instituição, etc.

Nosso projeto tem dado a sua modesta mas persistente contribuição há seis anos, realizando estudos que variam de acordo com diversos fatores como estado anterior da documentação do acervo de *ritxoko* (por exemplo, se já está inventariado e/ou

fotografado), disponibilidade da equipe, meios materiais mínimos (via de regra auto-financiados pela equipe do PPK ou com alguma ajuda da instituição) para transporte e material de consumo, interesse e disponibilidade da instituição, etc. Em geral tais estudos contemplam a checagem, complementação ou realização da documentação dos acervos, medição e registro fotográfico profissional, semi profissional ou amador das peças que são usadas internamente pelo projeto para continuar o trabalho de descrição das mesmas ou de diálogo intercultural com integrantes do povo *Iny* Karajá. Quatro pessoas do povo *Iny* Karajá participam mais ativamente compondo a equipe do PPK e contribuem com a identificação e análise dos acervos, sendo também consultados(as) para tomadas de decisão sobre sua restauração ou exposições, como exemplos que veremos adiante. Tratam-se de Labé Kàlàriki Karajá, Dibexia Karajá, Sinvaldo Oliveira Wahuká, e Tuinaki Koixaru Karajá. Na etapa 1 contamos também com a presença de Sawakaru Kawinan (DUARTE CÂNDIDO, 2020).

Reiteradamente o tempo de contato direto com a coleção é muito concentrado em razão da pouca disponibilidade da instituição, mas também pela necessidade de redução de custos de mobilização da nossa equipe ou até de hospedagem na cidade da coleção, quando não residimos lá. Nestes casos procedemos a uma coleta intensiva de informações por meio de fotografias das peças, escaneamento de documentação e bibliografia, realização de entrevistas, etc, cuja decupagem e tratamento se seguirá à distância. Não raro o retorno só pode ser dado bastante tempo depois, mas a devolução à instituição de fotografias e de outros materiais produzidos a partir do acervo ocorre como parte do processo de trabalho. Com as autorizações de uso de imagem já mencionadas, o objetivo é difundir os resultados da pesquisa mais amplamente fora dos meios usuais da pesquisa acadêmica,

alcançando outros públicos e especialmente o povo *Iny* Karajá. As redes sociais têm se prestado muito bem a este papel de difusão sem custos adicionais, mas o *website* na plataforma Tainacan reunindo o máximo possível de acervos de diferentes museus no que seria uma espécie de catálogo *raisonée* é a nossa maior ambição.

Em tempo, neste segundo semestre de 2022 iniciamos uma devolução física de resultados da 1ª etapa da pesquisa (2017-2020) com as entregas em sete aldeias de um *kit* composto por uma cópia impressa do relatório da referida etapa e 10 fotografias ampliadas em tamanho A3 e plastificadas de *ritxoko* variadas, selecionadas entre os museus cujas autorizações já obtivemos, com ênfase para o Grassi Museum - Museu Etnográfico de Leipzig, Alemanha, por se tratar das bonecas mais antigas entre as que já estudamos mais detidamente (1908/1909) e mais afastadas geograficamente. Este museu, entretanto, tem colocado à disposição um instrumento de acesso digital inovador, que é o robô ELIPS; que se movimenta nos espaços da instituição a partir de comandos dados de qualquer lugar do mundo via *internet*. O Projeto Presença Karajá tem organizado grupos para a utilização deste robô e com isto vários integrantes do povo *Iny* Karajá, inclusive crianças, já realizaram este tipo de visita virtual nos espaços do museu, que conta, desde março de 2022, com uma exposição da qual participamos colaborativamente. Trata-se da sala *Raum der Erinnerung* ou Sala da Memória, concebida, como Miriam Hamburger relata em seu artigo, no contexto de uma reformulação completa da instituição, *Reinventing Grassi*<sup>1</sup>, sob o comando de Léontine Meijer-van Mensch e financiamento da Fundação Cultural Federal da Alemanha via investimentos em “Initiative für ethnologische Sammlungen” (Iniciativa para Coleções Etnológicas). A exposição de longa duração do museu foi encerrada e a primeira etapa de reabertura se deu

1- Para saber mais, acesse <https://grassi-voelkerkunde.skd.museum/ausstellungen/reinventing-grassiskd-2021-23/>.

com o espaço a que nos referimos, cuja base conceitual se ancora em reflexividade estratégica e multi perspectivismo, a partir da proposta de Friedrich von Bose, chefe de seu Departamento de Pesquisa e Exposições (HAMBURGER, a seguir).

A Alemanha conta, desde 2018, com a diretriz “Lidando com Coleções de Contextos Coloniais”, publicada e já atualizada duas vezes pela Deutschen Museums bund (Associação Alemã de Museus). A reabertura gradual da exposição de longa duração do Grassi Museum é uma espécie de meta museologia em que partes remanescentes da antiga exposição ainda não reformulada se encontram no trajeto entre um espaço ocupado pelo coletivo de arte PARA<sup>2</sup> e três novas salas: «Sala de Cuidados», «Sala de Preparação» e «Sala da Memória». A «Sala de Cuidados» é um espaço de trabalho com uma parede de vidro que o público vê por fora. Dentro o museu está acolhendo, em sistema de residências, os projetos parceiros nas iniciativas de restituição. O Projeto Presença Karajá foi o primeiro a realizar residência neste espaço, em novembro de 2021, antes mesmo da exposição abrir (ela havia sido adiada devido a mais uma onda de COVID na região, mas triplamente vacinados e com testes atualizados, mantivemos o calendário previsto). Manuelina Duarte e Markus Garscha trabalharam na realização de fotografias profissionais do acervo, que havia sido registrado por ela de forma amadora em 2018. Na ocasião realizamos também, fazendo uso de câmeras de nossos computadores pessoais e ainda testando o robô ELIPS, uma apresentação do museu para nossa colega de equipe Tuinaki Karajá e sua família.

2 - O grupo realizou, no dia da abertura da nova exposição, 03 de março de 2022, uma barulhenta performance (em todos os sentidos) em que transformava em pó a base de um antigo busto de um ex-diretor do museu e usava este pó para produzir réplicas do pico do Monte Kilimanjaro, montanha mais alta da África, que teve seu pico removida em uma missão patrocinada no passado pelo museu. As réplicas são a contrapartida de uma campanha de financiamento coletivo proposto pelos artistas para comprar o que resta do pico, hoje à venda em um antiquário europeu, e devolver à Tanzânia, país que foi antigamente uma colônia da Alemanha, onde se encontra a montanha. A ação é chamada pelo museu de restituição participativa. Tanto a imprensa como todo o setor museal da Alemanha não param de discutir a ação, tomada por alguns como exemplo de enfrentamento ao passado colonial da instituição, e por outros como ato brutal e irresponsabilidade administrativa da direção do museu, cujo prédio é tombado. O busto hoje se encontra na reserva técnica e a diretora defende que sua base era um elemento de apoio não conectado com a escultura ou com a arquitetura protegida. Para saber mais, acesse <https://www.hsozkult.de/exhibitionreview/id/rezausstellungen-398>.

Na “Sala de Cuidados”, equipada com uma estrutura básica de estúdio para fotografia de objetos e com computadores conectados com a base de dados sobre os acervos, poderão ser realizadas, aos olhos do público, atividades de inventário, de fotografia e de restauração do acervo, tanto no sistema de residências como pela equipe do museu, mas privilegiando sempre as estratégias colaborativas. Na “Sala de Preparação” novas práticas curatoriais são experimentadas e é possível encontrar notas de reunião da equipe do museu. Finalmente, na “Sala da Memória”, há um espaço amplo que pode ser utilizado pelas comunidades de origem no contexto de repatriações, evocando o luto, já que o museu está intensamente engajado na restituição de restos humanos. Uma mesa sugere o diálogo e a formalização de acordos de restituição, por exemplo, dos bronzes do Benin, que o museu já opta por não mostrar mesmo antes da restituição. O questionamento sobre as práticas de colecionamento e de musealização estão no centro destas exposições.

O Projeto Presença Karajá foi convidado para figurar entre os parceiros presentes nesta exposição de reabertura em virtude do trabalho que vinha sendo realizado diretamente com esta coleção desde 2018. Na ocasião Manuelina Duarte realizou um campo de uma semana no Grassi Museum - Museu Etnográfico de Leipzig como parte de suas atividades durante o período de Licença Capacitação<sup>3</sup>. A pesquisadora foi recebida com bastante atenção e disponibilidade pela equipe do museu, nas pessoas de Melanie Meier e de Franck Usbeck, respectivamente documentalista e curador das coleções da América. Os contatos foram mantidos e as fotografias realizadas entregues, mas por uma série de razões, inclusive mudança internacional da pesquisadora, ainda

3 - Manuelina Duarte, uma das autoras deste texto, agradece mais uma vez ao Colegiado do Curso de Museologia, ao Conselho Diretor da Faculdade de Ciências Sociais e à Reitoria da UFG a autorização para a licença remunerada que permitiu a realização de um extenso plano de atividades junto à Universidade de Würzburg, incluindo esta semana no Grassi Museum - Museu Etnográfico de Leipzig e alguns dias no Museu Etnológico de Berlim. Um resultado desta etapa da pesquisa já foi publicado (DUARTE CÂNDIDO, 2021), mas com a exposição em Leipzig, com o presente texto e com a própria co-organização deste dossiê que traz uma contribuição internacional originada naquele museu, a autora entende que fecha uma etapa importante de devolução do investimento público feito em sua Licença Capacitação de 2018.

havia dados a consolidar para a devolução, como as dimensões das peças, que foram aferidas na ocasião e registradas em seus cadernos de campo.

Desde a segunda metade de 2020 iniciamos uma sistemática de reuniões semanais entre a equipe do PPK e a do museu, então acrescida de Miriam Hamburger como assistente de pesquisa inicialmente ligada a questões de restituição e repatriamento. Na ocasião, mesmo em plena pandemia, por meio de reuniões em meio digital e compartilhamento de telas com imagens dos acervos, fichas, mapas e outros documentos, fomos realizando em paralelo a alimentação da base de dados do museu, Daphne, e do Instrumento Comum para a Coleta dos Dados da Pesquisa (IC) do projeto Presença Karajá. As participações mais assíduas nesta fase foram de Manuelina Duarte, Andréa Vial, Tuinaki Karajá, Luciana de Castro e posteriormente Renata de Sousa e Dias pelo PPK, e das três pessoas já referidas pelo Museu, mas também eventualmente com presenças de Nei Clara de Lima, Labé Kàlàriki Karajá, Dibexia Karajá, Sinvaldo Oliveira Wahuká, Bárbara Freire Rocha, de outros integrantes do PPK e de restauradoras ou outras pessoas da equipe do museu. A metodologia consistiu em tomar uma a uma as *ritxoko* do museu para reunir nos instrumentos de trabalho já mencionados as informações registradas anteriormente pela instituição como identificação, matéria-prima, técnica, colecionador e época da coleta, com as dimensões anotadas nos cadernos de campo de Manuelina Duarte, as aldeias em que ocorreu a coleta (eventualmente anotadas por Fritz Krause em fichas em posse do museu) e uma descrição minuciosa. Para tal, algumas vezes se recorria à equipe do museu para fazer fotografias de novos ângulos ou checar algum elemento que pusesse questões.

A descrição detalhada, sobretudo nas reuniões com a presença de integrantes do povo *Iny* Karajá (praticamente todas,

nesta etapa) era um momento extremamente rico, que não raro enveredava por discussões mais gerais sobre a produção cerâmica, sobre a cosmologia e o cotidiano do grupo, de forma que nas reuniões com duração de duas horas por vezes se trabalhavam somente cinco a seis peças, ou até menos. Especialmente nos casos das *ritxoko* representando seres sobrenaturais foi possível perceber que ao retomar com outro integrante *Iny* a análise de peças similares, apareciam outras interpretações, detalhes ou até mesmo outros mitos que ainda não tinham sido abordados. Tal fato decorre da cultura extremamente rica dos *Iny* Karajá e também da liberdade que as ceramistas possuem de criar novas formas associando-lhes outras narrativas ou uma perspectiva original. Foi no decorrer deste trabalho colaborativo que a documentação museológica, compreendida entre os objetivos originais do projeto, se transformou, em certa medida, em estudos de proveniência, isto que se tornou praticamente uma exigência ou uma moda nos estudos de coleções museológicas com o apelo cada vez maior dos estudos decoloniais.

Assim como a exposição comemorativa dos 50 anos do Museu Antropológico da UFG, Redes, Saberes e Ocupações, aberta em 2020, a do Grassi Museum Leipzig forma o pequeno conjunto de duas exposições museológicas que mencionam diretamente o projeto Presença Karajá. Isto vem ao encontro de um dos objetivos mencionados no projeto inicial do PPK, que era de, ao investigar coleções muitas vezes secundarizadas nos museus que os guardam (não é o caso do MA-UFG, em que a cultura *Iny* Karajá possui desde a origem um espaço muito destacado), estimular a realização de projetos de comunicação museológica – exposições e ação educativo-cultural – a partir das mesmas (DUARTE CÂNDIDO, 2017).

Outras ações muito importantes do projeto nesta etapa 2 foram a organização para a equipe de aulas de *Inyribè* ministradas

*online* pelo professor Sinvaldo Oliveira Wahuká, uma autoridade na área, que passou posteriormente a integrar a equipe do PPK, e a Ação de Saúde Indígena *Iny Karajá*, que não iremos detalhar aqui pois já foi analisada em comunicações e publicações anteriores (DUARTE CÂNDIDO *et alli*, 2021). Ressaltamos somente que estas ações aparentemente mais pontuais favorecem o projeto de maneira mais global pois nos aproximam mais da cultura *Iny Karajá* e favorecem a criação e o fortalecimento de laços de cooperação e afetividade entre integrantes indígenas e não indígenas do projeto.

A ideia de organizar este dossiê foi sendo maturada junto com a construção do 1º seminário do Projeto Presença Karajá, que se realizou de 01 a 03 de fevereiro de 2021. Não se tratam aqui dos anais do evento, posto que apenas uma pequena parte das pessoas que apresentaram trabalho estava disponível para submeter seus artigos agora, nem ainda da publicação com o balanço mais aprofundado do projeto ou um belo catálogo trilingue (*Inyribè*, Português, Inglês) que desejamos para quando o projeto tiver avançado ainda mais. Mas nos traz contentamento ter contado com um conjunto de textos diverso, rico e consistente, que apresenta contribuições originais para os estudos dos campos conexos (notadamente Antropologia, Museologia e Cultura Visual), com resultados de pesquisas realizadas em diferentes partes do mundo. O dossiê, não sendo extenso, alcança ainda assim dar uma amostra do caráter transnacional, multi/inter/pluridisciplinar e intercultural do Projeto *Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais (PPK)*. Ressaltamos o fato do conjunto dos textos demonstrar comprometimento com as culturas indígenas e a compreensão de sua inserção na contemporaneidade, especialmente nos circuitos museológicos e patrimoniais. O título "*Ritxoko é ouro!*" retoma uma frase de Mahuederu, ceramista-mestra, mobilizando, em sua fala, os valores simbólicos e

econômicos ligados à sua produção. Neste ano em que o Registro como Patrimônio Imaterial Brasileiro completa 10 anos e o IPHAN, se em seu funcionamento normal estivesse, deveria estar promovendo as ações para a renovação do registro, nossa mobilização para este dossiê ajuda a trazer à uma vez, mas em um momento bem significativo, alguns assuntos como: as relações entre a cosmologia *Iny* Karajá e sua representação nas *ritxoko*, os diálogos interculturais entre instituições de preservação, pesquisadores(as) e grupos indígenas, as provocações decoloniais postas a projetos desta natureza e às instituições museológicas, a ética da pesquisa e dos processos curatoriais, o debate sobre restituição/repatriamento, a experiência de pesquisadores e pesquisadoras no âmbito do PPK com a reflexividade, e vários outros.

Nesta ocasião avaliamos o que já fizemos, mas vislumbramos muitas potencialidades e ansiamos pelo que ainda está por vir. Cabe fazer então um agradecimento especial às pessoas que já passaram pelo projeto e que seguiram outros caminhos, pela energia empregada, pelos momentos e aprendizados compartilhados. Também expressamos nossa gratidão imensa a quem chegou depois e está chegando, pela confiança, pela força e renovação que trazem ao PPK. Sigamos juntas e juntos. Outro agradecimento importante fazemos às instituições que acolhem o projeto, inicialmente a Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Ciências Sociais e Museu Antropológico), e desde 2018 também a Universidade de Liège, na Bélgica, Unidade de Pesquisa Arte, Arqueologia e Patrimônio (UR AAP), e aos consultores especiais convidados para a 2ª etapa, Camila Azevedo de Moraes Wichers, Manuel Ferreira Lima Filho, Rosani Moreira Leitão.

Para terminar, agradecemos à equipe editorial da revista *Hawò*, (às) aos pareceristas convidadas(os), às(aos) autoras(es) que participaram do volume, e ao povo *Iny* Karajá, razão da existência do nosso projeto e de todas estas iniciativas.

## References

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Relatório **Projeto Presença Karajá**: cultura material, tramas e trânsitos coloniais – Etapa 1 (2017-2020). Liège, 2020. 223 p. (Trabalho técnico - material não publicado) Disponível online em: <http://hdl.handle.net/2268/256194>

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **As categorias patrimonialização e musealização na valorização do patrimônio cultural Iny**: ritxokos, bonecas karajá. (no prelo).

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Nem tudo está perdido! Coleções de ritxoko em museus da Alemanha. In: LIMA Filho, Manuel (org.). **Tesouros Iny-Karajá**. Goiânia: CEGRAF-UFG, 2021. p. 149-177. (Coleção Epistemologias) <http://hdl.handle.net/2268/263170>.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; VIAL, Andréa Dias; ENTRATICE, Henrique Gonçalves, ANDRADE, Rafael Santana Gonçalves de; LIMA, Nei Clara de. “Social Museology and the Health Action Iny Karajá”. In: **ICOFOM Studies**. Serie – Museology in tribal contexts, v. 49, n. 1, p. 77-90, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2268/263032>

JOHNSON, Sarah; VEYS, Fanny Wonu. **Provenance #1**. Amsterdam: Tropenmuseum – Nationaal Museum van Wereldculturen, 2020.

LIMA, Nei Clara de; LEITÃO, Rosani Moreira: **Bonecas de cerâmica Karajá como Patrimônio Cultural do Brasil**: contribuições para a sua Salvaguarda - Relatório de cumprimento do objeto. Goiânia: FUNAPE, UFG, IPHAN, 2018. 70p. (Manuscrito não publicado).

LIMA, Nei Clara de; LEITÃO, Rosani Moreira (org.). **Iny Tkylysi-namyRybèna**: arte Iny karajá: patrimônio cultural do Brasil. Goiânia: Iphan-GO, 2019.

LIMA, Nei Clara de et al. **Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia**. Dossiê Descritivo modo de fazer ritxoko. Goiânia: Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás, IPHAN. 2011.